



OS “GLÓRIAS, ALELUIAS, RODADORES, LÍNGUAS DE FOGO”: PENTECOSTAIS NOS DISCURSOS CATÓLICOS DA REVISTA ECLESIÁSTICA BRASILEIRA (1941-1961)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3714

Augusto Diehl Guedes, UPF

Resumo

Passados mais de cem anos da chegada do pentecostalismo ao Brasil e diante de sua consolidação e expansão no país, diversos foram os trabalhos historiográficos que trataram desta temática. Nesse sentido, essa proposta propõe-se a analisar quais foram os discursos difundidos por sacerdotes católicos na *Revista Eclesiástica Brasileira*, em um período de crescimento e pluralização do pentecostalismo no Brasil. Nosso recorte abrange o início da veiculação da revista (1941) e o período que antecede o Concílio Ecumênico Vaticano II (1961), visto que a partir deste momento, percebemos uma mudança significativa na argumentação dos católicos em relação a outras matrizes religiosas devido à nova postura “ecumênica” do Catolicismo Romano. Para tal, utilizamos da análise do discurso, principalmente as considerações de Eni Orlandi, Michel Foucault e, para a discussão da alteridade, de François Hartog, com o intuito de compreender esses discursos católicos acerca do pentecostalismo. Por meio deste trabalho, avaliamos que neste período os discursos sobre o *outro* são marcados pelo “combate ao inimigo”, com um discurso ofensivo, agressivo e com um fim didático e apologético, ou seja, ao mesmo tempo em que busca ensinar o clero nacional, faz-se também uma defesa das pretensas verdades da fé católica, evidenciando uma preocupação dos sacerdotes católicos em relação a expansão das igrejas pentecostais no país e com a crescente perda de fiéis para estas. Entendemos que este trabalho apresenta-se como uma contribuição para a compreensão da dinâmica das relações entre catolicismo e pentecostalismo no Brasil.

Palavras Chave:

Catolicismo;
Pentecostalismo; *Revista Eclesiástica Brasileira*.

Considerações iniciais

Nas comemorações dos 500 anos da “Reforma Protestante”, diversos são os estudiosos que retomam este tema e o observam para além do seu berço europeu e têm procurado identificar sua expansão e inserção em outros continentes, como é o caso do Americano. Ao atentar para o Brasil, vemos que a sua inserção, apesar de termos a presença de protestantes já no séc. XVI¹, se deu de forma efetiva a partir do séc. XIX (ARAÚJO, 2012; REILY, 2003). Devemos aqui considerar, acerca das características desse protestantismo, uma em especial para o nosso trabalho, que fora pontuada por Alencar (2007, p.18) ao afirmar que o “protestantismo brasileiro é anti-católico”.

Deparando-nos com os sucessivos censos da população brasileira, percebemos que desde sua chegada, os fiéis das igrejas protestantes no país têm crescido. Entretanto, no cenário que se desenha a partir da década de 1950, consolida-se um acentuado crescimento das igrejas pentecostais², sobrepujando as

igrejas do protestantismo “tradicional” já no final da mesma década (READ, MONTERROSO, JOHNSON, 1969, p.79-80). Percebemos que dentre as igrejas protestantes, os pentecostais possuem um crescimento e dispersão pelo território nacional de forma proeminente. Nesse sentido, perceber a ação dessas igrejas pentecostais no Brasil, apresenta-se como fundamental para compreensão do campo religioso brasileiro. Todavia, devemos também, e é essa nossa proposta, analisar como que a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR)³ reagiu à presença desse grupo no cenário nacional e a crescente perda de fiéis para estes.

Para tanto, nos utilizamos da análise dos discursos veiculados na *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB). Revista esta que fora criada com o intuito de promover a formação do clero nacional e mantê-lo informado acerca dos acontecimentos relacionados à ICAR e ao campo religioso não somente no país, mas também no exterior. A Revista fora fundada em 1941 pela Editora Vozes, sob a condução do Frei Tomás Borgmeier. Seu propósito era ser uma revista que possibilitasse a comunicação entre a instituição e seus clérigos, e que conseguisse alcançar a maior parte dos sacerdotes, teólogos, professores e lideranças do clero no Brasil.⁴

Propomos como recorte para esta análise os anos abarcados entre 1941-1961 devido a este período compreender a criação da revista, bem como, o ano que antecede a abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), que,

¹No séc. XVI, podemos perceber a presença de huguenotes (franceses calvinistas) entre 1557-1558 na “França Antártica” e a presença da Igreja Reformada da Holanda entre 1630-1654 no chamado “Brasil Holandês”. Segundo Matos (2016) foram criadas neste período 22 igrejas e congregações nos atuais estados de Pernambuco e Paraíba. Entretanto, a execução dos pastores huguenotes em 1558 e o fim do domínio holandês no atual nordeste brasileiro inviabilizaram a continuidade momentânea dos projetos de expansão protestantes no Brasil.

²Entendemos como pentecostais as igrejas protestantes que se instalaram e foram fundadas no Brasil a partir dos anos 1910 e que acreditam na contemporaneidade de dons espirituais (registrados nos livros bíblicos e que marcam a ação direta do Espírito Santo sobre a comunidade dos fiéis), com destaque para a *glossolalia* (batismo no Espírito Santo) e dons de cura, a crença no adventismo iminente de Jesus Cristo e marcados por um proselitismo acentuado, dentre outras. As principais igrejas no período estudado são: Congregação Cristã no Brasil (1910), Assembleia de Deus (1911), Igreja do Evangelho

Quadrangular (1951), O Brasil Para Cristo (1955), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) e Igreja Pentecostal de Nova Vida (1960) (ROLIM, 1985; FRESTON, 1994; MARIANO, 2014).

³ Neste trabalho utilizaremos a sigla ICAR para designar a Igreja Católica Apostólica Romana.

⁴ Para saber mais sobre a REB ver em: ANDRADE, Solange Ramos de. **O Catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Maringá: Eduem, 2012.

em nossa leitura, marcou de forma acentuada o cenário católico a ponto de transformar os discursos católicos sobre os pentecostais, fruto das mudanças implementadas e propostas pelo concílio ao Catolicismo Romano em todo o mundo, principalmente no que toca a prática ecumênica e a abertura para um diálogo interreligioso.

Este trabalho é uma parte das discussões por nós levantadas em nosso trabalho de conclusão de curso em História, sob o título: “*O Brasil vai para a heresia*”: os discursos católicos sobre o pentecostalismo na *Revista Eclesiástica Brasileira* (1941-1972), apresentado no ano de 2016, na Universidade de Passo Fundo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Gizele Zanotto.

O que dizer diante da presença dos “pentecostistas”? Os discursos católicos sobre o pentecostalismo na *Revista Eclesiástica Brasileira*⁵

A *Revista Eclesiástica Brasileira*, ainda em circulação, mostrou-se um importante veículo da imprensa católica para a (in)formação de seus sacerdotes e agentes leigos, no sentido de proporcionar uma unidade na comunicação desse clero tão disperso em um país com proporções continentais. Nela, escreveram diversos padres, bispos, cardeais, professores de teologia, discutindo temáticas tidas como relevantes para o momento pelos editores (seu primeiro editor foi o Frei Tomas Borgmeier – 1941-1952, sucedido pelo Frei Boaventura Kloppenburg – 1953-1972), bem como a publicação de notícias

nacionais e internacionais, crônicas, comentários e indicações de obras.

Pontuamos aqui que entre os autores, todos eram membros do clero católico, e alguns eram professores e formadores de agentes leigos para a atuação em grupos católicos pelo país. Isso consideramos uma vez que se faz, pertinente considerar, conforme Foucault (2002, p.61) quem fala, ou seja, “qual é o *status* dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?”.

Neste momento que antecede ao Concílio Vaticano II temos um número considerável de publicações⁶ que falam do protestantismo. Até 1945 não temos nenhuma publicação que faça qualquer referência ao pentecostalismo. Percebemos nesse período certo silenciamento na revista sobre a temática, o que pode ser considerado tanto como fruto ainda de um desconhecimento quanto a ignorância do tema para os autores.

A primeira publicação que dedicou um espaço para tratar desta questão foi o artigo do Monsenhor Agnelo Rossi, de 1945, intitulado de “O Protestantismo no Momento Atual Brasileiro”. Em seu artigo, Rossi buscou traçar um panorama sobre diversas igrejas protestantes em sua atuação e inserção no Brasil. Nas quatorze páginas de discussão, em pouco menos de uma página, Rossi (1945, p.30-31) intentou informar seu leitor sobre algumas questões acerca dos “pentecostistas”, pelo que asseverou

Os *pentecostistas* são, presentemente, os mais ardorosos proselitistas. Em 1932 eram 13.000 os “língua de fogo”, ao passo que, em 1943, suas fileiras já agrupavam 55.000

5 Elencamos aqui apenas alguns discursos publicados na revista sobre a temática, devido a delimitação do artigo. Para uma discussão mais profunda, ver mais: GUEDES, Augusto Diehl. “O Brasil vai para a heresia”: os discursos católicos sobre o pentecostalismo na *Revista Eclesiástica Brasileira* (1941-1972). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2016.

6 Em nosso mapeamento identificamos oitenta e três veiculações de 1941-1961 que versam ou possuem relação direta com a temática do protestantismo.

pentecostais. O crescimento é rápido. Os novos elementos são recrutados, com relativa facilidade, nas camadas obscuras, ínfimas e ignorantes das outras seitas protestantes ou do espiritismo. [...] É notável o crescimento entre os pentecostistas. Os pentecostais exigem, além do batismo de água, o do Espírito Santo. Quem conseguir ser assim batizado, torna-se impecável. Sei de um preso, que cometeu as maiores imoralidades, e as atribui blasfemamente ao Espírito Santo, pois que foi batizado no Santo Espírito. As reuniões pentecostistas, mescla de vozerio desconexo e de promiscuidade imoral, têm reclamado, não raramente, a intervenção policial.

A isso, Rossi acrescenta uma tabela, obtida no *Jornal Batista* de 20/04/1945, na qual apresenta o crescimento das igrejas pentecostais entre os anos de 1931-1938 com uma taxa de 215%, o que significa de três a quatro vezes maior do que as outras igrejas protestantes.

No embasamento de seu discurso. Agnelo Rossi utilizou-se da intertextualidade (ORLANDI, 1996, p. 259), uma vez que trouxe dados de um periódico batista para seu texto, entendido como uma das marcas daquilo que Orlandi denomina de *discurso teológico*, e também do discurso religioso.⁷ Desta maneira, Rossi utilizou-se de um periódico batista para tecer suas considerações sobre os pentecostais e ao

⁷ Para a autora o discurso religioso é aquele em que, pretensamente, a “voz de Deus” fala por meio do clérigo, e isso por sua vez gera um desnível que separa o sujeito do discurso de seu receptor (ORLANDI, 1996, p.242-243). Este discurso é marcado também pelo seu caráter de exortação, a utilização do imperativo e do vocativo, a utilização de metáforas, dentre outros (ORLANDI, 1996, p.258-259). Por sua vez, podemos entender o discurso teológico, integrante do religioso, entretanto de caráter mais formal, é marcado pela intertextualidade (ORLANDI, 1996, p. 247, 259).

trazer outro discurso para seu texto conferiu ao mesmo maior credibilidade (GUEDES, 2017, p.24).

Destacamos a utilização do termo “línguas de fogo”, uma evidente alusão à prática da *glossolalia*⁸ entre os pentecostais, juntamente do reconhecimento por parte de Rossi do crescimento exponencial dessas igrejas pentecostais no Brasil. Entretanto, apesar de sublinhar o crescimento, ele não dá a entender de que essas novas conversões ao pentecostalismo aconteçam por parte de ex-católicos, mas sim membros de outros grupos protestantes ou espíritas, marcados pela “obscuridade” e “ignorância”. Nesse ponto, podemos compreender que para Rossi poderia ser “vergonhoso” reconhecer que estes novos grupos fossem provenientes da ICAR, dado principalmente seu discurso ofensivo a este grupo.

Outra questão é a compreensão do autor em relação ao Batismo no Espírito Santo, tomado como obrigatório para o ingresso no grupo e o que tornaria o crente “impecável”, pelo que ainda citou um “testemunho” para comprovar seu argumento. Em nossas leituras nunca encontramos nenhum outro autor afirmando tal, o que para nós mostra um conhecimento superficial dessa questão por parte de Rossi, apesar de entendermos que o autor está lançando as primeiras reflexões sobre essa questão (GUEDES, 2017, p.24).

Para finalizar, Angelo Rossi qualificou os cultos pentecostais como desorganizados, marcados pela “promiscuidade moral” e a necessidade

⁸ Vocábulo do grego *koiné* que designa “falar em línguas” (*glossa* – língua/ *lalia* - falar). Essas línguas consistem em uma “ação divina” na qual o fiel fala em línguas que segundo sua crença são espirituais. Esse fenômeno está ligado ao evento ocorrido, segundo a tradição cristã, na Festa de Pentecostes, após a morte de Jesus Cristo, na qual os discípulos viveram esta experiência, constituindo-se na marca que o fiel recebeu o “batismo no Espírito Santo”.

de intervenção policial. Sem trazer pontos que reforçassem seu argumento, nos perguntamos se o autor não sentiu necessidade disso dado que tal entendimento estivesse presente entre os leitores da revista?

Na mesma edição, o Padre Bernardo Gaspar Haanappel publicou um artigo no qual discutiu o fenômeno da *glossolalia* por um viés teológico-bíblico. Na publicação “A *Glossolalia* no Novo Testamento” (1945), Haanappel afirmou que a *glossolalia* ou o “dom de línguas” é um dos carismas mais “notáveis e interessantes” que podemos encontrar na Bíblia (HAANAPPEL, 1945, p.51). Segundo ele, a *glossolalia* foi uma promessa feita por Jesus Cristo para a sua igreja, e para isso cita em latim o texto do Evangelho de Marcos 16. 17-18, no qual diz que os discípulos de Cristo “falariam em novas línguas” e que este, além de outros sinais sobrenaturais, teriam sido manifestos nos períodos mais primevos do Cristianismo como um meio para se “espalhar a fé” (HAANAPPEL, 1945, p.52).

O autor também definiu que para ele, carisma consiste numa dádiva, e neste caso, toma as palavras de Tomás de Aquino, um caso de intertextualidade, ao salientar que um carisma, como é o caso da *glossolalia*, é “um dom sobrenatural concedido gratuitamente, que não torna justo ou mais justo o homem, mas o capacita a realizar ações extraordinárias em proveito alheio” (HAANAPPEL, 1945, p.53). Isto posto, além de fazer um contraponto à compreensão de Rossi sobre o Batismo no Espírito Santo (lembrando que para a fé pentecostal a *glossolalia* é a marca inicial do Batismo no Espírito Santo) que tornaria o homem impecável, Haanappel buscou então explicar o que entende como o carisma da *glossolalia* ou o dom de línguas e assegura que “o dom das línguas consiste no falar em conexão racional línguas nunca aprendidas, em estado de oração extática” (HAANAPPEL, 1945, p.54).

Cabe aqui também destacar que não observamos nenhum outro autor que teria publicado um contraponto à Haanappel ou uma crítica a sua leitura, o que nos possibilita pensar que os demais autores e leitores concordassem com a postura do autor, ou que por mais que discordassem não possuíam argumentos tão embasados quanto os dele, ou que preferiram se silenciar diante de um tema polêmico como este, pois entendemos que ao se fazer uma defesa desta questão também, conseqüentemente, se faz uma defesa das crenças pentecostais (GUEDES, 2016, p. 51).

Entre os anos de 1945 e 1952 a *Revista Eclesiástica Brasileira* não veiculou nenhuma outra publicação que tivesse tratado sobre os pentecostais. Contudo, foi no ano de 1952 que a revista publicou o primeiro artigo exclusivo sobre a temática. Da autoria de Agnelo Rossi, “O Pentecostismo no Brasil”, discutiu desde o desenvolvimento deste nos EUA até sua implantação e expansão no Brasil.

Ao introduzir seu artigo, Agnelo Rossi destacou o motivo pelo qual escreveu esta publicação: “com uma frequência impressionante recebemos pedidos de colegas no sacerdócio para escrever algo mais desenvolvido sobre o pentecostismo e outras seitas do Brasil” (ROSSI, 1952, p. 767). Nesse sentido, ele possui um fim de informar o clero católico brasileiro sobre os pentecostais e também denota uma demanda, fruto de uma preocupação destes sacerdotes ante as novas questões que se colocam no campo religioso brasileiro.

O artigo está dividido em dez pontos. Inicialmente o autor discute as raízes estadunidenses do movimento, posteriormente a sua chegada ao Brasil. Nesse ponto, ao considerar sobre os missionários, principalmente Daniel Berg e Gunnar Vingren (fundadores das Assembleias de Deus em 1911), Rossi buscou evidenciar o caráter dúbio destes missionários que vem ao país. Trata-se do estabelecimento de uma retórica da

alteridade, ou seja, o outro está sendo enunciado como diferente (HARTOG, 2014, p.243) e essa diferença está não somente nas ações, mas também no caráter destes missionários, apresentados como enganadores, mentirosos e traiçoeiros.

Ao ponderar sobre o “Desenvolvimento do Pentecostismo no Brasil” o autor considera oito motivos para o crescimento dessas igrejas no país, a saber,

- 1) ao espírito essencialmente proselitista (para não dizer logo fanatismo) dos seus membros; 2) ao caráter iluminista da seita; 3) à propensão do povo para coisas extraordinárias e misteriosas, máxime quando manifestadas sensivelmente; 4) à frieza do culto protestante; 5) à ignorância religiosa, mesmo entre muitos crentes; 6) à prática dizimista, bem generalizada, entre os pentecostistas; 7) à facilidade de ordenar pastores e dirigentes do culto, sem estudos teológicos; 8) à parte ativa que as mulheres tomam no movimento (ROSSI, 1952, p. 773).

Salientamos que nenhum dos motivos apresentados por Rossi possui uma raiz na ausência ou parca atuação da ICAR em várias regiões do país. O autor aponta que as razões são a participação dos fiéis de forma ativa na comunidade e a questões ligadas a religiosidade popular. Agnelo Rossi ainda cita os dados publicados no *Mensageiro da Paz* (periódico da Assembleia de Deus) de que a Assembleia de Deus teria cerca de 1609 igrejas e congregações e cerca de 100 mil membros no país. O autor ainda pondera: “o pentecostismo, para usar uma comparação familiar a certos meios evangélicos do país, é ‘tiririca’ que medra, infelizmente, em nossa terra”. Ou seja, além de destacar que o crescimento das IPs no país é motivo de infelicidade, faz uma analogia com o crescimento de uma erva daninha que rapidamente se espalha

e de difícil retirada. Neste ponto, a representação, que conforme Chartier (1991, p. 183) é “o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade”, além de reforçar a tônica do crescimento das igrejas pentecostais de forma rápida também relega aos pentecostais o desprestígio ao compará-los com uma erva daninha que se espalha (GUEDES, 2017, p.27).

Permanecendo nessa questão, Monsenhor Agnelo Rossi salienta que a nível global, o movimento é conhecido como pentecostais ou pentecostistas e que entre os brasileiros algumas terminologias são utilizadas para se referirem aos pentecostais, tais como: “glórias, aleluias, crentes, rodadores, línguas, línguas de fogo, pedra-ume, tremedores” (ROSSI, 1945, p. 775). Essas representações do pentecostalismo fazem alusão tanto às expressões idiomáticas dos pentecostais durante seus cultos (glórias e aleluias) e alguns termos que designam gestos que ocorrem durante momentos de êxtase, como rodar, marchar, pular. Faz-se interessante perceber como essas representações são utilizadas pelos “outros” para os designarem.

Dentre todas as veiculações que analisamos de Agnelo Rossi, esta é a mais densa no estudo do Pentecostalismo. Apesar de se tratar de uma primeira leitura é um ponto de partida interessante para a (in)formação do clero católico brasileiro. Diante disso nos perguntamos qual a perspectiva que este clero adotou para com os pentecostais no Brasil? Depreendemos que a tônica do combate a estes está muito bem explícita.

Entre 1953 e 1968, apenas publicações menores e mais pontuais foram observadas na revista, geralmente casos e relatos da vida pastoral. Duas publicações destacamos aqui.

A primeira delas é a comunicação de Boaventura Kloppenburg, “Necessidade de uma Frente de Defesa da Fé contra o Proselitismo das Heresias”, publicada em dezembro de 1957, na qual reiterou que existe uma grande variedade de oferta religiosa para os brasileiros pontuando que aquilo que para os autores que viemos apresentando até aqui ficou evidente

E as heresias vieram. Vieram em variada abundância. Heresias para todos os gostos e todas as inclinações. [...] Aí estão eles a acordar, a clamar, a tentar, a atrair: pentecostais, testemunhas de Jeová, batistas, adventistas, mormões, prebiterianos, metodistas, luteranos, espíritas, umbandistas, esoteristas, teósofos, rosacruçianos, maçons ... (KLOPPENBURG, 1957, p.965)

Diante desta situação, Kloppenburg reclamou ao clero nacional, em especial os intelectuais, para que atuassem por meio de pesquisas, palestras, conferências e seminários no Brasil em direção à formação destes sacerdotes.

O ano de 1960 marcou o cinquentenário da chegada do Pentecostalismo no Brasil, por meio da Congregação Crista, mas a revista nada comenta sobre o assunto. No ano seguinte, 1961, era o ano de comemoração dos 50 anos das Assembleias de Deus no país, e fora marcado por uma comemoração no Rio de Janeiro. A edição seguinte ao evento assim pontuou

O Maracanãzinho se tornou teatro para toda a espécie de concentrações heréticas. [...] Dia 25 de junho realizou-se ali uma grandiosa comemoração, isto é, muita discursaria, cantoria sacudida e dois minutos de oração espontânea gritada conjuntamente, em homenagem ao cinquentenário da Assembleia de Deus no Brasil.

Acorreram cerca de 40.000 pessoas, na maioria gente simples dos subúrbios do Rio, superlotando desordenadamente as galerias do Maracanãzinho. [...] Havia grande confusão entre os que se comprimiam e saltavam pelas arquibancadas, sem ligar para os oradores que não se podiam ouvir por mau funcionamento dos alto-falantes. A única nota de brilho e piedade foi dada pelo conjunto coral de 1.500 figuras, vestidas de capa azul, executando sofrivelmente três cantos religiosos. Depois o desfile das bandeiras dos Estados, e os acordes de uma banda de Madureira! Das autoridades anunciadas, havia só representantes. [...] Não há dúvida que essa demonstração da Assembleia de Deus, apesar de suas falhas, nos deve envergonhar e servir de estímulo. Significa de fato um zelo e dinamismo que muitos católicos nem de longe possuem: como em cinquenta anos cresceram esses crentes para quase 500.000 que são hoje (aumentando na média uns 27 por dia) com capelinhas por todo o nosso interior! (SNF, 1961, p.688).

A nota, que não tem seu autor identificado por nome, somente por sigla, comunica aos leitores sobre o culto de comemoração do cinquentenário da Assembleia de Deus, pelo que o autor não poupou (des)qualificativos para o mesmo. Ao ler o trecho anterior, podemos perceber que a questão da alteridade ficou bem acentuada: em tudo os pentecostais são diferentes dos católicos. Desde a sua liturgia tida como “desorganizada” e mal feita, a falta de autoridades presentes (prestígio ante os poderes estabelecidos), inclusive a demonstração dos seus membros, que “deve envergonhar e servir de estímulo” aos católicos.

Em todos os momentos o autor deixou transparecer o lugar de sua fala, que conforme Orlandi (2009, p.39)

considera, “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”, e nesse sentido, ao falar de expressões pentecostais a partir da ICAR é que possibilita uma leitura marcadamente desprestigiada e preconceituosa em relação ao outro.

Outros artigos e notas também trataram da temática a partir deste período. Todavia, as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II atenuaram o tônica do combate em relação a esses grupos, abrindo-se muito mais ao diálogo e a prática ecumênica.

Considerações finais

Postas estas discussões, compreendemos que o período analisado foi marcado, principalmente pela atuação do Monsenhor Agnelo Rossi, com as contribuições de Frei Boaventura Kloppenburg, em que se assinalou um caráter preponderantemente apologético e combativo em relação aos pentecostais, assim como também a outros grupos religiosos. Esses discursos sobre esse *outro*, muitas vezes com uma tônica ofensiva, possuem um fim didático ao buscar (in)formar o clero nacional sobre essas igrejas pentecostais, bem como faz uma defesa do lugar da ICAR na sociedade brasileira e de suas verdades e dogmas.

Percebemos que a expansão das igrejas pentecostais no Brasil, principalmente as Assembleias de Deus e a Congregação Cristã no Brasil, estavam preocupando parte deste clero católico, no período estudado, o que pode ser evidenciado pelas publicações realizadas e a forma como as mesmas foram feitas e as representações acerca dessas igrejas que possuíam um sentido de desprestigiá-las diante do público leitor da revista.

Assim, nosso trabalho propõe-se como uma contribuição para a compreensão das dinâmicas interreligiosas entre católicos e pentecostais no campo religioso brasileiro

ressaltamos a necessidade de que novos trabalhos discutam como que o discurso católico da REB se manifestou em relação a outras matrizes religiosas neste mesmo contexto.

Referências

ANDRADE, Solange Ramos de. **O Catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Maringá: Eduem, 2012.

ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. Em nome da lei: uma visão contextual da inserção do protestantismo de missão no Brasil. In: CARREIRO, Gamaliel. SANTOS, Lyndon de Araújo. FERRETTI, Sergio Figueiredo (Orgs.). **Missa, culto e tambor: os espaços das religiões no Brasil**. São Luís: EDUFMA/FAPEMA, 2012. p. 183-210.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, p.173-191, 1991.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-158.

GUEDES, Augusto Diehl. **“O Brasil vai para a heresia”: os discursos católicos sobre o pentecostalismo na Revista Eclesiástica Brasileira (1941-1972)**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2016.

_____. *“Tiririca que medra, infelizmente, em nossa terra”*: os discursos do Monsenhor Agnelo Rossi sobre o pentecostalismo brasileiro na *Revista Eclesiástica Brasileira* (1945-1954). **Anais do V Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades Regional Sul**. 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5BJ6nSKz9lsLVJlcTdnVjFyVms/view>>. Acesso em 10 ago. 2017.

HARTOG, François. Uma Retórica da Alteridade. In: _____. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 243-289.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O discurso religioso. In: _____. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996. p. 239-262.

_____. **Análise de Discurso: princípios &**

procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

READ, William; MONTERROSO, Victor; JOHNSON, Harmon. **O Crescimento da Igreja na América Latina**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1969.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. 2ª impr. rev. São Paulo: ASTE, 1993.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

Fontes

HAANAPPEL, Bernardo Gaspar. A Glossolalia no Novo Testamento. **Revista Eclesiástica**

Brasileira. Vol. 05, fasc. 01, p. 51-66, mar. 1945.

KLOPPENBURG, Boaventura. Necessidade de uma Frente de Defesa da Fé contra o Proselitismo das Heresias. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 17, fasc. 04, p. 964-966, dez. 1957.

ROSSI, Agnelo. O Pentecostismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 12, fasc. 04, p. 767-792, dez. 1952.

_____. O Protestantismo no Momento Atual Brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 05, fasc. 01, p. 26-39, mar. 1945.

SNF. Movimentos Heterodoxos – Assembleia de Deus. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 21, fasc. 03, p. 688, set. 1961.